



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# MILAU e a MALAGUETA

POR ZÁLIA

DESENHOS DE A CASTANÉ

**M**ILAU é uma garota levadinha da breca; nada pára com ela e fala «pelos cotovelos».

Os seus quatro anos são tão buliçosos que, dificilmente, se toma conta néles.

E' muito simpática, porque fala com todos, e de todos os assuntos, ainda os que ela menos entende, mas em que já tem ouvido falar; mexe em tudo, e tudo gosta de provar, principalmente coisas de cores vivas.

Sua mãe repreende-a, mas a pequena não se emenda. Pausitos, papéis, caixas de fósforos velhos, trapos, etc. tudo leva á bôca.

Com os olhos muito vivos, tudo vê; por mais pequenino que seja,



tudo apanha, para meter na bôca. — Onde encontraste isso, meu amor? — Foi isto, mamã!...

Há dias, a mãe foi encontrá-la a chorar baixinho e muito aflita, com um copo cheio de água na mão, da qual tomava um golo, bochechava e deitava fóra, para tornar a fazer o mesmo.

Tinha os olhos vermelhos e a bôca a arder. Perguntou-lhe a mãe já apoquentada: o que meteste na bôca? Responde a Milau, entre soluços: — foi «choutço», mamã!...

«Choutço?» Onde o achaste?!

Na rua mamã!...

A mãe corre á rua, levando a filha pela mão: — Dize onde foi,

onde encontraste isso, meu amor? — Foi isto, mamã!...

Ouviu-se, então, uma gargalhada. O chouriço não era mais do que uma malagueta que a ladina encontrara na rua, e que, fiel ao seu hábito, havia trincado. Ela lá estava, muito vermelhinha, tentadora, mas com uma grande falha, produzida pelos dentinhos da Milau.

Pois, meus meninos, foi remédio santo. A Milau já não come o que encontra no chão, porque tem medo que seja «choutço».

■ F I M ■



O  
BARQUILHEIRO  
E O  
"Ó-GRAXA"

POR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA  
DESENHOS DE A. CASTANE



O «Barquilheiro» era a alegria das crianças. Não tinha nome ou, se o tinha, era como se o não tivesse, pois todos o tratavam apenas por barquilheiro.

— «O barquilheiro, o barquilheiro!...» gritavam as crianças, mal o viam despontar, ao fundo da praia, com a caixa às costas, tão semelhante ao poste do correio.

Rodeado pelos meninos ricos que faziam girar a manivela da sorte, dava gosto vê-lo a distribuir barquilhos entre a algazarra dos pequeninos gulosos.

O «ó-graxa» era, também, um sem nome, tendo-o apenas para a pobre avózinha com quem vivia, paredes meias com a avó do barquilheiro, da mesma idade, dez anos, e de quem ele era amigo.

Ambos trabalhavam, quasi de sol a sol, para a manutenção do próprio sustento e das pobrinhas avós já quasi entrêvadinhas.

A maior alegria que ambos podiam experimentar consistia em chegarem a casa com as pequeninas bôlsas recheadas de moedas de cinco e dez tostões, que logo entregavam às respectivas avós, a fim de satisfazerem os compromissos diários.

\*

\* \*

Uma manhã, porém, a avózinha do barquilheiro, não podendo erguer-se do leito, ou, melhor, da enxérga, com uma forte pontada que mal a deixava respirar. E o pobre netinho viu-se impossibilitado de sair para a venda, embora já tivesse a caixa cheia dos

barquilhos que a avózinha, na véspera, preparava, pois por coisa alguma do mundo a deixaria sózinha, em riscos de morrer abandonada. Contudo, sem o produto da venda, como acudir às despesas do médico e da farmácia?!...

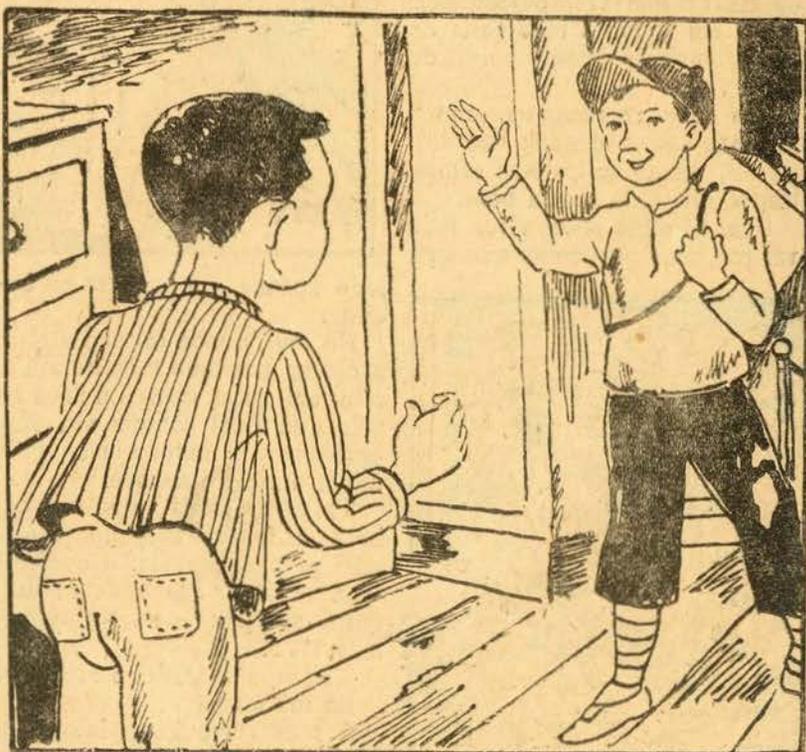
Preocupado com o estado da querida doentinha e com tão embaraçosa situação, batia, nervosamente, o pé no carcomido sobrado, quando, de chôfre, a portinha da rua se entreabriu e a figurinha airosa do «ó-graxa» surgiu, exclamando com o habitual bom humor:

— «Eh, «pá», vamos à vida; são horas!»

— «Bom fóra, se pudesse; adoeceu-me a avózinha!...» retorquiu, apreensivo, o pobre barquilheiro, enfiando as mãos nos bôlsos das calças e desabafando em confidente calão:— «E nem sei que fazer, «má-raios»! Estou quasi à «piranga»!... O médico, a farmácia!...»

Calou-se e duas lagrimas rolaram pelas faces do barquilheiro.

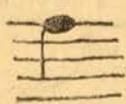
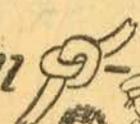
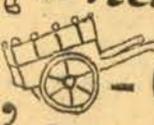
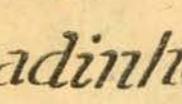
Fôra os pregões, contrastavam com o pesado silêncio que, por momentos, pairou no interior do modesto aposento, como a mais bela expressão da luta pela vida.



# CONTO HIEROGLIFICO

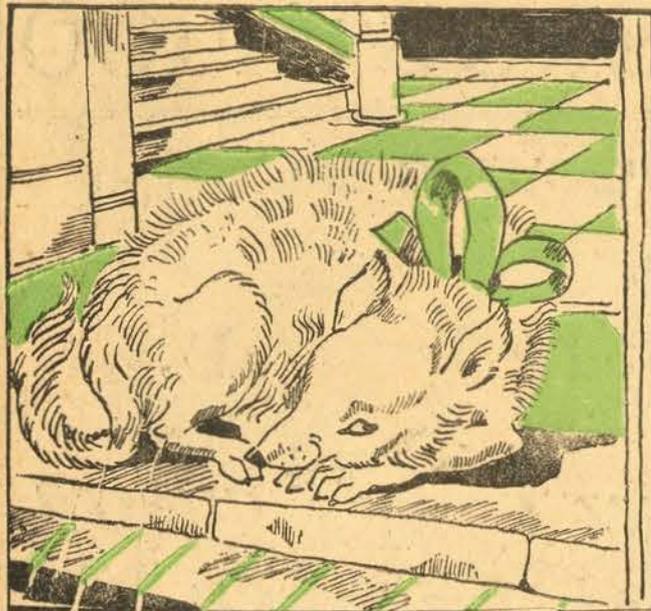
## HISTORIA DO "DOUTOR-SÁBIO"

O "Dou  -re  -L."

E  - ~ uma vez  1  que tra  
 ballava  zendo fre , ao  
 serviço dum  iro,  O  va  
 K  dinho  D  l motivo,  
 van-lhe o  "sábio", e o  AKbou  
 nor convencer-se  D que  - Peni ver  -o  
 + e, uma alta person  + P. Porém, ao  
 Vrem  -o, todos se , trocando-o.  
 ha que, ao irem  -R a  
 esc  -B,  - O egadinhos  D compêndios  
 mas sem h  rem estu  as   
 + ç,  zem a  - O ura do   
 "Doutor-Sábio."

# O cãozinho LIZ e o papagaio LOIRO

Por AUGUSTO SANTA RITA



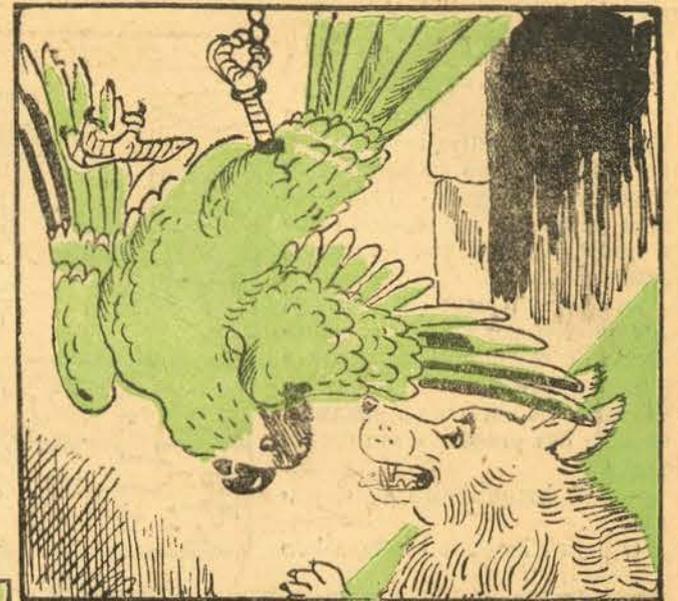
semelhantes larachas que, por vezes, até comprometiam os desprevenidos transeúntes.

Outras vezes punha-se a chamar o cão, — «Lys, Lys, anda cá ó Lys!...» — fazendo-o acordar sobressaltado e voltar a cabeça, rosnando, enraivecido ao perceber que o chamamento viéra do papagaio. E eram tantas as vezes que o pobre «Lys» interrompia o seu regado sono, que acabou por votar ao papagaio um ódio fígado.

Certo dia, do alto do seu poleiro, o papagaio presenciara uma desordem, que terminou com gritos de «ó-da guarda!» gritos lancinantes, duma pobre mulher que fóra espancada por dois homens. Desde então ficara-lhe o hábito de gritar, também, a propósito ou fóra de pro-

posito, quando em quando, inconscientemente; — «O'-da guarda, ó-da guarda!...» em tal berreiro que chegava a alarmar, por vezes, a vizinhança. Os seus donos, todavia, já de tal maneira se haviam habituado aos seus gritos que já nem sequer interrompiam as suas conversas, estranhando-se absolutamente impassíveis ante o estranho grito do papagaio.

Uma tarde, porém, casualmente, era justificada a aflicção do pobre «Loiro», implorando socorro. Quando chamado o cão, que dormia regaladamente a habitual soneca, este, tão extemporaneamente despertado, num acesso de fúria, arremetera contra o poleiro, ao qual, contudo, não podia chegar, por se encon-



RA uma vez um cãozinho de estimação que dava pelo o nome de «Lys». Era todo branco, de pêlo felpudo e cauda encaracolada. Gostava de dormir, tranquilamente, a sua sesta, à porta da casa de entrada dos seus donos, em cujo umbral havia um papagaio verde, cinzento, amarelo e encarnado que, em seu poleiro, palavra, constantemente, repetindo tudo quanto ouvia.

Intrometia-se com toda a gente que, inadvertidamente, passava por baixo, bradando galhofeiro: — «Olé, olé!... Pchit, pchit!... O' tu, como estás tu?!...» e



trar a grande altura, fóra do seu alcance. O papagaio, porém, assustara-se e, desequilibrando-se, caíra da base do poleiro, ficando pendurado pela corrente, de pernas para o ar.

Mas, mesmo assim, em tão crítica e caricata posição, não deixava de palrar e gritar: — «Lys, Lys, anda cá ó Lys!...» e — «O'-da guarda, ó-da guarda, ó-da guarda!...» como se tivesse a consciência do perigo que corria.

O «Lys», raivoso, aproveitou, então, a oportunidade para saltar-lhe em cima e ferrar-lhe tal dentada que o deixou depenado numa asa e na cáuda, e a escorrer sangue.

Vários transeúntes, com quem o papagaio se intrometia por vezes, riam, à gargalhada, ante a desforra

# Exame de Geografia



I — O pequeno Felisberto, após ser examinado, mostrando ser pouco esperto, já se vê: — foi reprovado.

II — Em casa, ao colo da Mãe, pediu-lhe que perdoasse, pois sabia as lições bem, muito embora se calasse.

III — «Mas porque respondeste, — (inquiriu a mãe, — então), — à pergunta do mestre, se sabias a

IV — «E' que pôs-se a perguntar onde é que estava o Perú, e eu, então, puz-me a pensar: — com isso que terás tu?...

V — O seu intuito seria vir cá roubá-lo talvez! Que tinha a Geografia com a pergunta que fez?!»



Pa  
la  
vras  
Cru  
za  
das



Solução do problema anterior

Qual a cousa, qual é ela?...

I

Qual a coisa, qual é ela que está na pastelaria e, sendo quadro sem tela, é Rei da sensaboria?

II

Sou planta agreste, porém, mudando a letra primeira em R, em G ou em P, sou criação bem caseira que em toda a parte se vê.

**CHARADAS**

Solução do n.º 397

Leão — Café — i.

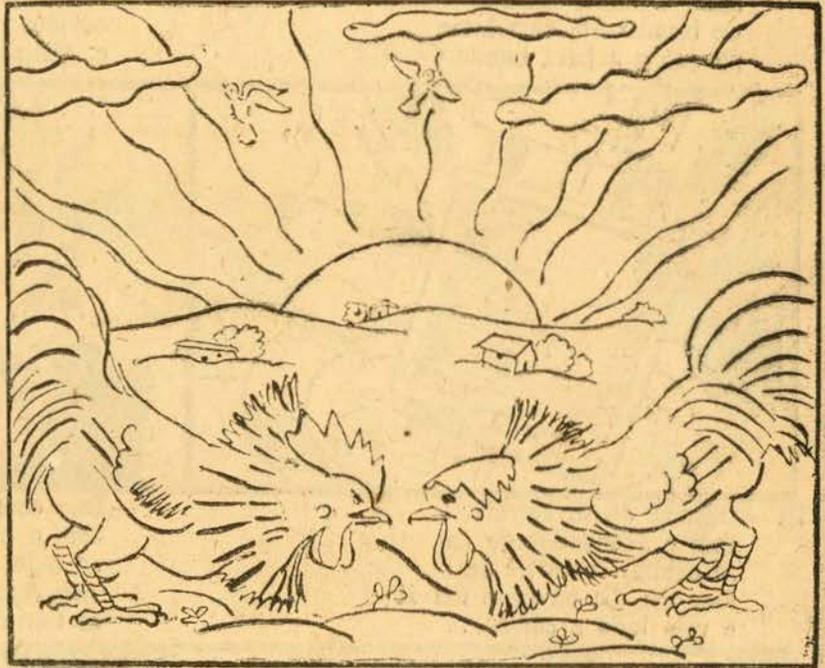
*partes*  
*calo rato gato rato*

**ADIVINHA**

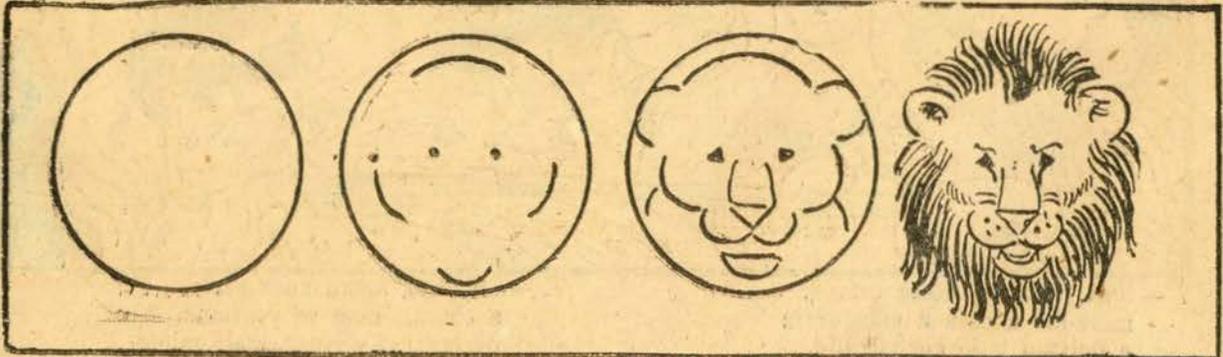
**Para os meninos colorirem**



Onde está a domadora deste leão?



**LIÇÃO DE DESENHO**



Como se desenha um leão...

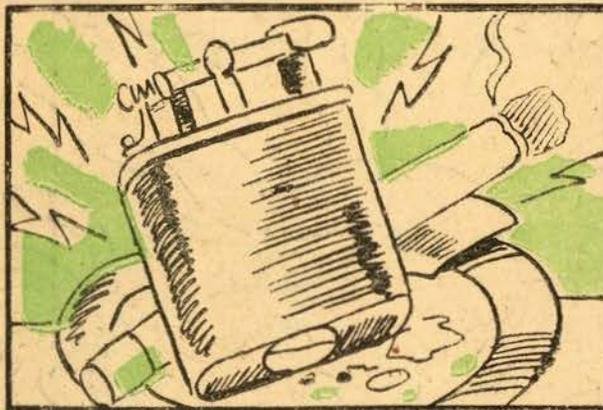
# II — DIABRURAS DO CHIQUINHO



I — O endiabrado Chiquito tinha um péssimo costume; tinha o hábito maldito de brincar até com lume porque o achava bonito.



II — Embora dissesse a tia: — «Com o fogo ou o Amor não se brinca!» — ele fazia ouvidos mercador e, assim, desobedecia.



III — Gostava de se entreter com o acendedor do pai, às ocultas, bem de ver! Mas um dia ouviu-se um ai e veio tudo a correr...



VI — Dão com éle, num berreiro, com o bibe em labareda, ao lado do jardineiro que regava, na alameda, as florinhas do canteiro.



V — Este, vendo-o nêsse estado, mete-lhe à cara a mangueira e deixa-o todo encharcado, livrando-o, desta maneira, de morrer incendiado.

VI — Chiquito, agora num pinto, a chorar, bem se presume, declara: — «Nunca mais minto, nem brinco mais com o lume, pois encharcado me sinto!»